

## VIAGENS LITERÁRIAS

Alan Flávio Viola<sup>1</sup>

### Resumo

Viagens literárias é um texto montado por citações de vários escritores a partir de uma narrativa que as une – como a literatura lê o mundo e seus movimentos, as viagens. Procurei trazer a diferença das dicções dos autores, e a grandiosidade no domínio da ficção nessa minha pesquisa. Há também uma consagração das traduções nesse trabalho, todas de excelência.

**Palavras-chave:** Literatura. Viagem. Narrativa.

### LITERARY TRIPS

### Abstract

“Literary Journeys” is a text assembled by quotes from various writers from a narrative that unites them - as literature reads the world and its movements, journeys. I tried to bring the difference of the authors' dictions, and the grandeur in the realm of fiction in my research. There is also a consecration of the translations in this work, all of excellence.

**Keywords:** Literature. Travel. Narrative.

---

<sup>1</sup>Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente no Centro Universitário Geraldo Di Biase.

## Introdução

As viagens formam possíveis portos. Para o trânsito - que é a senha da viagem - é preciso ter espírito. Dos navegadores espanhóis e portugueses - nautas em preto e branco num sem medo de que o mar e sua linha do horizonte fosse precipício - aos fenícios, viandantes, andarilhos, ciganos, de calos nos pés e cabalas na boca, a narração é a mesma. Mesma narração de algo de não se estabelecer, margens desconhecidas de leitos pedregosos, luas diversas de céus em movimento. Passar por entre outros estados, outros lados, pórticos de outras civilizações. Houve épocas em que o desejo do trânsito permanente se estabelecia mais. No que ficou em relatos de personagens, no nosso imaginário, Ulisses (o que porta o deus) e Dante que nos narra em painéis sinestésicos o que produz o homem, o seu espírito sobre a realidade. Através da literatura, a viagem. Mas pode-se refugar o pensamento positivista porque confundiu esta imagem literária em plano possível de um julgamento contínuo pós-vida. A vida está aqui, daqui é que partem as expedições e o sopro delas.

Pode-se olhar o tempo, que faz sua viagem própria, sem se contaminar. (O que assusta). Os grandes navegadores como que num desespero idílico registrando em palavras os dias que lhes passam. Mas cabe dizer que o que passa pelo viajante isto também o torna. Entorno de tais olhadelas ou (sempre faríamos assim) olhadas agudas para as pedras em ruas estreitas de uma Paris, Benjamin deixa-se sucumbir em trânsito, no pânico da fronteira, ele que tão bem sabia ler a vida:

*“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”. (Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Volume 1 - página 15, 7ª edição, Walter Benjamin, Editora Brasiliense, 1994)*

As viagens, as fronteiras (dos perigos) eu também viajo e como tal que estado novo sempre me dá o vôo, a linha de ferro, o asfalto, as águas em que flutuo. As imagens da água, terceiras visões de imanência, a viagem se esvai, vai e vem em ondas de lagos. Culturas nas dimensões dos espaços - ocupados -, os nórdicos pagãos, como que os vi por sobre as longas pernas divisarem infinitos para trás em

seus rituais flutuantes nos dracares. E a Roma dos césaes, petrificada em aragens de monumentos, em terrestres alusões aos tempos tão fortes que nos ficam impressões disformes. Ou quando mudam - como animais migrando - minhas vontades de ver o desconhecido. La luna - che regalo - espetada por russo-americanos, seus buracos de queijo e montanhas do dragão (viagem privada de criança), a lua eclipsada pela invasão apronta sua revolta argêntea.

Tudo em flashes, porque viajam.

No que então agora vejo o Padre Anchieta se curar de doença grave com os ventos salinados do Pacífico, preparando-se para salvar - como um Sócrates - o que já estava salvo. Ele que entra em aldeia antropófaga para na hora h dar extrema-unção ao sacerdote-comida, Anchieta deus de si, o que transforma tupã em Diabo. O abaré que seduziu (e traiu) Cunhambebe.

Mas ungidos dos ares, dos aviões, da mente. De florestas secretas a desérticos areais sopram a voz das viagens o finito. O mundo redondo ressoa no Oriente e na Amazônia seus rugidos potentes. Há quem veleje e narre suas apostadas corridas, cruzadas pessoais. Há as três margens para o poeta cavaleiro que lê o cântico dos simples, o Rosa das margens, das canoas, do diabo em seu redemoinho, das transmutações das linguagens que o amor produz, ou induz em faces desenhos do olhar:

*Eu estou depois das tempestades. O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucuia é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei.<sup>2</sup>*

E bordo, estibordo, borda, fala cria, registra. Descemos com os narradores a lugares desnavegados, cruzadas de navios, bandeiras negras e piratas que somos de nosso eixo, roubamos o ar - as viagens nos elevadores da lembrança - o que regurgita e revela em pátria nossa - cria de viagens - a nossa própria exploração. Ação de ontem, tempo de estio. A América do Norte num carro, o narrador como que susta o sonho que ainda guardava, despedaçados os sonhos do país da liberdade,

---

<sup>2</sup>Grande Sertão: Veredas, J. Guimarães Rosa, Editora: NOVA FRONTEIRA

que é o país da oportunidade, Henry Miller despreza a América e seu deus dólar para saborear a Ásia:

*Quando Marco Pólo foi para o Oriente... Basta entoar esta frase e a abundância da terra desabrocha. A imaginação se afoga antes mesmo que se termine de pronunciar a frase. Ásia. Apenas Ásia, e treme a imaginação. Quem é capaz de produzi-la totalmente, seja em prosa ou em imagem? Marco Pólo nos dá milhares de detalhes, que não representam mais que uma gota d'água num balde. Não importa o que tenha feito o homem depois daquela época, não importam os milagres que tenha forjado, nada importa a não ser a palavra Ásia, que enche a imaginação com esplendores e magnificências inigualáveis. Profetas, professores, sábios, místicos, sonhadores, loucos, fanáticos, tiranos, imperadores, conquistadores, todos eles de tão grande importância como nunca a Europa viu, saíram da Ásia. Religiões, filosofias, templos, palácios, muralhas, fortalezas, pinturas, tapeçarias, jóias, drogas, licores, incenso, vestimenta, culinária, condimentos, metais, as grandes invenções, os grandes idiomas, os grandes livros, as grandes cosmogonias, tudo isso veio da Ásia. Até mesmo as estrelas vieram da Ásia. Haviam deuses e semideuses aos milhares. E homens-deuses. Avatares. Precursores. A Ásia era inspirada.<sup>3</sup>*

Simulacros de luz em travessias noturnas de trem, a Sibéria glacial, o samovar pelando para derreter a língua da neve, a resistência então do humano, oh/humano, o animal que mais viaja, que fornece, que conhece, invade, constrói e devasta. Os vinte anos da volta, os tapetes da espera, a espora do tempo:

*O mar. Ulisses. Longos anos de lutas e provações. Terminara a Guerra de Tróia. Penélope tecia o tempo da espera. Era chegada a hora de voltar. Consolar-se com os seus. Oferecer aos deuses libações. Saudar em Ítaca, na terra firme de sua utopia, a dedirróse a aurora. Mas Ulisses não é o mesmo. Viu reinos, povos, cidades. Provou-se como herói e estrategista. Desafiou até os deuses. Ítaca, distante no tempo, diz-lhe bem pouco. Não vê com bons olhos o termo de suas aventuras. Ele quer mais. sua morada é o mar.<sup>4</sup>*

Literária viagem que me vem em flashes, em mantras nas malas, em coloridas e miseráveis Índias:

*Sublimes torres dos templos do Sul, em Tanjore, em Madura e Kumbakonam, as torres chamadas gopuram, que sobem e sobem como escadas angélicas em direção ao céu azul e luminoso, ostentando no alto, entre bandos de corvos, verdadeiras multidões de esculturas gesticulantes, enquanto cá em baixo, nos pátios sujos e nas piscinas impuras, os peregrinos fervilham como insetos. (...) A*

---

<sup>3</sup>Pesadelo refrigerado, Henry Miller, ed Record, Trad. Carlos Lage, 1968 pp 206-07

<sup>4</sup>A paixão do Infinito, Marco Lucchesi, Cromos, p.25,1994

*religião é o símbolo fálico guardado nas celas dos templos, estilizado em forma de enorme obelisco de pedra negra, untado e luzidio de óleo votivo, com a extremidade coberta por coroas vermelhas de flores, imerso numa obscuridade sinistra, promíscua, infecta, sórdida e arrepiante.<sup>5</sup>*

Ou o mago, magno, imagístico dom do que comanda aliados em milhares de exemplares, Borges viajor por entre todas as fronteiras, sedutor do caos-labirinto em suas sete noites.

*Tenho o pesadelo do labirinto, e isso se deve, em parte, a uma gravura em aço que vi em um livro francês quando era pequeno. Nessa gravura estavam as sete maravilhas do mundo e entre elas o labirinto de Creta. O labirinto era um grande anfiteatro, um anfiteatro muito alto (e isso se percebia porque ele era mais alto que os ciprestes e que os homens a seu redor). Nessa construção fechada, ominosamente fechada, havia frestas. Quando eu era pequeno, acreditava (ou agora acredito ter acreditado) que, se tivesse uma lupa forte o bastante, poderia ver, olhando por uma das frestas da gravura, o Minotauro no terrível centro do labirinto.<sup>6</sup>*

O que diria do menino poeta em conquistas áridas? Rimbaud acaba por colorir suas vogais todas de vermelho sob o sol e chega a lugares onde nunca se vira branco Rimbaud (o nauta):

*Nada de cânticos: manter o terreno conquistado. Dura noite! O sangue ressequido fumega em meu rosto, e nada tenho atrás de mim a não ser este horrível arbusto!... O combate espiritual é tão brutal quanto a batalha dos homens; mas a visão da justiça é o prazer só de Deus. É a vigília, entretanto. Recebamos todos os influxos de real vigor e ternura. E, ao romper da aurora, armados de ardente paciência, entraremos nas cidades esplêndidas. (Uma temporada no inferno, 1873; tradução Janer Cristaldo)*

Hemingway nos dá roteiros onde não se saboreiam cheiros de café em tardes friíssimas de Paris, a falta de dinheiro o faz burilador de frestas e criador de imagens inéditas:

*Se você não se alimentava bem em Paris, tinha sempre uma fome danada, pois todas as padarias exibiam coisas maravilhosas em suas vitrinas e muitas pessoas comiam ao ar livre, em mesas na calçada, de modo que por toda a parte via comida ou sentia o seu cheiro. Se você abandonou o jornalismo e ninguém nos Estados Unidos se interessa em publicar o que está escrevendo, se é obrigado a mentir em casa, explicando que já almoçara com alguém, o melhor que tem a fazer é passear nos jardins do Luxembourg, onde não via nem*

<sup>5</sup>Uma visão da Índia, A. Moravia, Tradução de Jorge Feio, Lisboa, Arcádia, 1964

<sup>6</sup> BORGES, Jorge Luis. Obras completas vol. 3. São Paulo: Globo, 1999. 576 p.; 21,5 cm.

*cheirava comida, desde a Place de l'Observatoire até a rue de Vaugirard. Poderá sempre entrar no Musée du Luxembourg, onde todos os quadros ficam mais vivos, mais claros e mais belos quando se está com a barriga vazia, roído de fome. Aprendi a compreender Cézanne muito melhor, a entender realmente como é que pintava suas paisagens quando estava faminto. Costumava perguntar a mim mesmo se ele também tinha passado fome quando pintava, mas imaginava que apenas se tivesse esquecido de comer. (...) Depois de ter saído do Luxembourg, você poderia ainda andar pela estreita rue Férou até a Place St. Sulpice sem ver restaurante algum, somente a praça silenciosa com seus bancos e suas árvores. Havia uma fonte com leões, e pombos andavam nas calçadas ou pousavam nas estátuas dos bispos.(...) Para além da praça é que não podia prosseguir em direção ao rio sem passar por lojas que vendiam frutas, legumes, vinhos, ou por padarias e pastelarias. Mas, escolhendo cuidadosamente o caminho, conseguiria avançar pela direita, ao redor da igreja de pedra, cinzenta e branca, chegar à rue de l'Odéon e virar de novo à direita em direção à livraria de Sylvia Beach, sem encontrar muitos lugares onde se vendessem coisas de comer. A rue de l'Odeon era desprovida de restaurantes até chegar à praça, onde havia três. Quando chegasse à rue de l'Ódeon nº 12 a fome estaria contida mas, por outro lado, todos os seus sentidos estariam aguçados. as fotografias lhe pareceriam diferentes e descobriria livros que nunca tinha visto antes.”<sup>7</sup>*

Não conto as viagens internas. Para as viagens é preciso lugares, vegetações, extemporâneos trejeitos do que parecia estar para sempre ali. As viagens são sensações externas e delas se narra nas amarras mínimas de um esguio ato. No solavanco ultra-rápido da palavra. No seu estalo. E o sal, o fogo, o ar. Os fortes incrustados nas nossas mais belas praias, ali chegaram eles que seríamos nós, todos raças estrangeiras. O Brasil é para ser chegado, a minha inveja posta de ser nele imigrante, farsante-nacional não consigo ser, que é o país de chegada que nasci me vendo nele sempre narrado num exotismo sem fim. Viagem circular, quadrada, quebrada, em montanhas. O meu idioleto incapaz de balbuciar algo de certo nestas andanças ou minha incapacidade de sentir o sentido por outrem, criado por outrem. Tapam suas vergonhas, mas não o caráter, deveria ter escrito Caminha, as matas que brotam gente perfeita. Acabo vomitando, como Miller, meu sonho de Brasil e cito, forçado por ser antenado a isso, o Velho Mundo. A Itália-moura de meus avós e do meu nariz. E cheiro o ar como perdigueiro, mas nada me impede visões menores. Pise no freio que a viagem se perpetua, se insinua, que cercado sempre fico zozzo- pois até no sono elas me visitam. Recordações do não vivido.

---

<sup>7</sup>Paris é uma festa, Ernest Hemingway. Trad. Ênio Silveira. Civ. Brasileira, 1975, RJ. pág 67.



Pedaços de viagens que me infestam a mente. No sonho meio que solto em aragens inéditas. O transiente sinal do sonho também tempera todo o maiúsculo desejo de se eternizar. Basta então mar aberto para aspirar (a) o futuro - símile coesão com o que é. Como então sonhei que volitava por templos dos Maias repousados em eternos mistérios, em seus ministérios coloridos. A civilização esquecida como se avistada em panorâmicas espaciais me tragando em ruídos de sombra. Os sonhos capturando intenções perdidas inauguram como em visões felinas sentimentos sem nomes. Oníricos portais, os postais de meus vislumbres. A literatura fotografa sensações como se houvesse à porta um outro Fausto tão bem acompanhado. Chaves que trancam os cadeados do mundo do comum.

A viagem no passado do Casmurro ressentido, perdido no “viajar de uma viagem” sem volta pelos meandros do outro, publicando a solidão e a melancolia - febre estranha à nossa natureza tropical, Casmurro europeu - ex-suburbano. A contração de partir, o banzo vencendo a saudade em angústia, mais saudade ainda timoneiro, *condottiere*, pilotos do ar, motoristas, maquinistas, motorneiros, ou o bamba dos hippies no meu pé, volto, volto, que algo me chama, parece dizer todo viajante. Regresso, a minha referência primeira ultrapassa de importância o meu giro, mas o que olho que me distrai disso tudo? Artaud em atalhos pela Síria nos acena novos antiquíssimos deuses:

*Na Síria, os templos são caixas amplificadoras de maravilhas reais, de magia exteriorizada. E um considerável número de templos que parecem ali postos unicamente para ilustrar essa luta, esses ritos, essas anomalias, rivalizam em esplendor sobre todo o seu solo, uns, consagrados ao sol, outros, à lua, sem que se saiba certo quem é a fêmea, quem é o macho, ou se foi o macho que pôs a fêmea ou inversamente.*

*Há o templo do sol em Emesa, que parece ter a primazia sobre os outros templos do sol macho, como se houvesse inúmeros sóis e cada um como duplo de todos os outros, como a lua é o duplo fêmea de um deus único e masculino. Há o templo do sol-lua em Apameia, todo pavimentado a pedras de lua. E o da lua em Hierápolis perto de Emesa, exteriormente consagrado à mulher, mas dando um trono insignificante ao macho, que aparece uma vez por ano, sob a figura de Apolo.*

*Apolo, isto é, o sol que em movimento corre, o sol liberto de uma parte de si mesmo, a mais alta, e considerado na sua força móvel o sol que desce do trono e aceita dar-se ao trabalho, que já não é rei pois já não está sentado, nem imóvel, e trabalha, e é agora o filho do rei como o cristo é filho de Deus.*

“ (...) Porque se as pedras dão vozes, voam, são animadas de um sopro, de respiração própria também as estátuas sopram, decerto o espírito de Deus.”<sup>8</sup>

Outra rota, outro atalho, outra via não vista, volto que sisuda já ficava a minha face - como que dizem maldosos que o poeta-filósofo da alegria era sisudo e triste? Ele que transita pelas pensões da Europa demolindo com o texto altivo as próprias edificações partidas da mentira, iconoclasta sem bagagens, Federico que se recusa a adorar ao deus fogo em noite de inverno italiano, diga-se, então, por Ovídio no ancestral do português: *Ut desint uires, tamen est laudanda uoluntas*. Diga-se então, pelas musas de Camões ou pela *hybris* avançada, viagem longa a de Nietzsche (o enforcado do tarô?); o andarilho das pensões gargalha os 10 anos de desrazão ainda mais vilipendiados pelos “seus” críticos urubus. Como seria esse olhar? Olhar íntimo o de Nietzsche. O personagem Cortázar também alpinista em Ryuela (diz Nietzsche: da montanha as torres da cidade, como as vejo pequenas) entre janelas de edifício portenho, tábuas bambas atadas a peitoris abarrotados de roupas, ou o comum na corda bamba derrubado pelo risonho diabo. O tempo buscado em jogos de calçadas, ou o rastrear o ar atrás do passado numa compostura sôfrega, atrás de um jogo sutil em papel japonês, no feixe magistral do texto de Proust que embrulha em marfim nomes e emoções à toa e vê Florença através de Giotto:

*“Quando meu pai resolveu, um ano, que fôssemos passar as férias da Páscoa em Florença e em Veneza, não tendo como fazer entrar no nome de Florença os elementos que habitualmente compõem as cidades, fui obrigado a tirar uma cidade sobrenatural da fecundação, por certos aromas primaveris, do que eu supunha constituir, em essência, o gênio de Giotto. Em suma - e visto que se não se pode fazer com que caiba em um nome muito mais duração que espaço - como em certos quadros de Giotto que apresentam em dois momentos diversos da ação um mesmo personagem, aqui deitado no leito, ali preparando-se para montar a cavalo, o nome de Florença achava-se dividido em dois compartimentos. Num deles, sob um dossel arquitetônico, eu contemplava um afresco a que estava particularmente superposta uma faixa de sol matinal, empoeirado, oblíquo e progressivo; no outro (pois não considerando os nomes como um ideal inacessível e sim como uma ambiência real em que iria mergulhar, a vida ainda não vivida, a vida intacta e pura que eu neles encerrava dava aos prazeres mais materiais, às cenas mais simples, essa atração que tem nas obras dos primitivos) atravessava eu rapidamente - para acorrer mais depressa ao almoço que me esperava com frutas e vinho de Chianti - o Ponte*

<sup>8</sup>Heliogabalo ou o anarquista coroadado, Antonin Artaud, tradução de Mário Cesariny, págs 24, 25, Ed.Assirio e Alvim, Lisboa,1982.



*Vecchio entulhado de junquinhos, narcisos e anêmonas. Era isso (embora me achasse em Paris) o que eu via, e não o que estava em redor de mim.<sup>9</sup>*

À toa, em tom de convés, a rapariga *comparsa*, tudo assim meio que tudo no meio do papel, tela de escritor, pincel do olhar, olha que interminável seria a descrição do descrito, mesmo ocultando-se quase tudo, trazendo a granel o trazido, o cerzido, tecido em letras.

E me enrolo em pergaminhos esquecidos, em porões de bibliotecas, em olhares venais de traças e troços que serão traças, porque não se desfazem as traças quando se lê o livro esquecido, o poema soterrado no pó, o texto escondido por manchas, máculas do tempo, mágico o texto no seu picadeiro de sílabas faladas ao alto. O livro liberto da garrafa, do mofo, da fama. Nenhum guru, nenhum sábio, nenhum leitor, nada dono dele. Só, o livro, esconde para si estórias, maravilhas de dias, espetáculos, estradas, ambientes, campos, sertões e sós. E mínima, a minha visão ainda se entrega a tentar sem resultado lembrar o mais belo. Lembrar, lembrar, porque existe.

---

<sup>9</sup>No Caminho de Swann, Marcel Proust, trad. Mario Quintana Abril Cultural, SP 1982, págs 226-7

## Referências

ARTAUD, Antonin Tradução de Mário Cesariny. **Heliogabalo ou o Anarquista Coroadado**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1982.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, Volume 1. Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas vol. 3**. São Paulo: Globo, 1999.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HEMINGWAY, Ernest. Tradução. Ênio Silveira **Paris é uma Festa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LUCCHESI, M. A. **A Paixão do Infinito**. Niterói: Cromos, 1994.

MORAVIA, Alberto. Tradução de Jorge Feio. **Uma Visão da Índia**, Lisboa: Arcádia, 1964.

MILLER, Henry. **Pesadelo Refrigerado**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Francis, 2006.

PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann**. Tradução de Mario Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

RIMBAUD, Arthur. Tradução Janer Cristaldo. **Uma Temporada no Inferno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1873.